

REINVENTANDO A CIDADE – MULHERES, ANTROPÓLOGOS E A TEMPORALIDADE NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Micheline **Ramos de Oliveira**
Doutoranda PPGAS/UFSC
Ana Luiza Carvalho da **Rocha (orientação)**

A cidade considerada como “objeto temporal” (Rocha & Eckert, 2005) é o que viabiliza a escritura desse artigo que tem como objetivo último a apropriação de narrativas biográficas (Ricoeur, 2007) de mulheres cidadinas que trazem em suas trajetórias nítidos itinerários urbanos demarcadores de um “viver a cidade” constituído de “um tempo coletivo que as ultrapassa”, mas que porém, como poderemos observar nas narrativas de Fênix e Domitila uma *durée social* que “lhes confere um lugar determinado na forma como suas decisões alocam-se num espaço determinado”(Rocha & Eckert, 2005), seja esse espaço representado aqui, por exemplo, por Salvador e São Paulo no caso de Fênix ou Campo Grande e Rio de Janeiro se nos debruçarmos no itinerário de Domitila.

Ainda, a eleição de uma escrita voltada para a problematização do “tempo e a cidade” numa tese sobre mulheres e violências deve alertar que para além e no entremeio de um suposto caos formatado por vivências conflituosas e de violências existe “a cidade e seus territórios como fruto de uma consolidação temporal vivida na errância das formas de vida social dos grupos urbanos que a ela pertencem, configuradas e reconfiguradas” (Rocha e Eckert, 2005: 96), nesse caso, pelas narrativas biográficas de Fênix e Domitila, que fornecem, a meu ver, elementos bastante elucidativos no que diz respeito a relevância de se focalizar “na” e “a” cidade os estudos de violências no Brasil contemporâneo.

Aqui antes de fazer a defesa de um estudo inóspito *da* cidade, *pela* cidade, está-se compartilhando das reflexões cidadinas que perpassam estudiosos desde a Escola de Chicago, como Simmel, Park, Wirth, etc, fenomenólogos, como Schutz e o tupiniquim Gilberio Velho, até as pesquisadoras brasileiras sulistas Eckert e Rocha, que conduzem seus estudos na cidade por uma ótica hermeneuta, que por sua complexidade (Morin, 1999), abarca o “pensamento da diferença”. Segundo as autoras: “Essa intenção

metodológica que aborda o fenômeno urbano a partir de uma razão hermenêutica remete ao enfoque da “unidade estilística” da cidade como objeto temporal, fora de um círculo vicioso” (Rocha & Eckert, 2005:95).

Assim, ainda com as autoras, nesse estudo, o foco concentra-se no “conhecimento compreensivo da cidade segundo os acontecimentos anódinos que ocorrem no seu interior e a efervescência que rege a vida ordinária de seus habitantes” (Rocha & Eckert, 2005: 95), como poderemos averiguar nos densos, extensos, mas creio necessários relatos de nossas protagonistas que serão apresentados ainda nesse capítulo mais adiante.

* * *

Preliminarmente, antes da apresentação das narrativas de nossas interlocutoras, creio que seja oportuno fazer uma reflexão sobre o trabalho do antropólogo na cidade, algo que penso deva ser revisitado cada vez que uma pesquisa antropológica aponte para uma etnografia da e na vida citadina, já que mais do que meras repetições os incessantes movimentos de ser e estar na cidade, de constituí-la e ser constituído por ela podem ser revigorados por nossa matriz disciplinar (Cardoso de Oliveira,1997) a cada novo elemento etnográfico aí apreendidos, a cada novo olhar atento a infinidade de elementos e ângulos incessantemente construídos e reconstruídos nessa “paisagem” (Simmel,2002) “polifônica” (Canevacci, 1997), que não podemos jamais esquecer, para além de nossos interlocutores, também habitamos e somos habitados por ela. Nesse ínterim invoco as sábias e contundentes palavras do último autor:

A cidade é um contexto bem poderoso e “falante”, que não se deixa reduzir a um simples pano de fundo, a uma cidade-panorama sobre a qual o antropólogo possa estender seu olhar lúcido e penetrante: mas esse contexto (...) encerra, modela e “veste” o pesquisador enquanto exercita seu poder criador...(Canevacci, 1997:80).

Ora, se “o antropólogo é (...) possuído não só pela sociedade abstrata, mas também, e sobretudo pela cidade que ele possui (...) e a cidade está nele” (Canevacci, 1997:81), parece-me óbvio, como o foi direta ou indiretamente para um *Simmel*, um *Lévi-Strauss*, ou um *Benjamin* apreender de forma analítica o incômodo, mas talvez necessário alerta citadino, que no confronto com nossa memória (Bachelard,1988) nos faz lembrar a cada “diferença” (Eckert & Rocha, 2005) étnica, social, econômica, religiosa, política, entre outras etnografadas na cidade, o lugar que habitamos nela, e junto com ele todos os “fantasmas” vinculados a nossas escolhas ético e políticas,

travestidas nesse caso, por nossas escolhas teórico-metodológicas que indubitavelmente nos conduzem em campo.

Nesse sentido, não nos faltam exemplares de pesquisas, das clássicas as mais atuais, que nos permitem observar numa leitura mais atenta e refinada o “imaginário” de cidade dessas antropólogas e antropólogos como parte constitutiva de suas etnografias na e da cidade, a saber: as densas narrativas etnográficas sobre “uma cultura do medo” em Porto Alegre das antropólogas também moradoras da mesma cidade (Eckert & Rocha, 2005) ; ou uma Rio de Janeiro “violenta”, descrita obsecadamente por meio de um mapeamento das favelas cariocas por (Zaluar,1985,1993,2003) e seguidores, ou ainda uma sociedade média carioca em conflito descrita pelo também carioca (Velho,1981,1994,2000); ou o relato desolado e iluminista do europeu estruturalista (Lévi-Strauss, 2004) em sua descrição sobre São Paulo; ou uma São Paulo contemporânea desnuda sob a tutela do italiano especialista em comunicação (Canevacci,1997) ou ainda uma São Paulo “de muros” tão bem elucidada por (Caldeira, 2000) e assim por diante.

Respeitando as peculiaridades de cada uma dessas etnografias citadas, vale dizer que penso nelas menos como originalidade de seus etnógrafos e mais como uma “coleção”(Benjamin, 1969) emblemática de uma época, de um autor, e enfim de seus pressupostos, aqui decididamente ligados a uma idéia de etnografia que “estuda, ao mesmo tempo em que é parte da invenção e da interrupção de totalidades significativas em trabalhos de importação-exportação cultural” (Clifford, 2002:169).

Assim, creio que seja interessante pensarmos na idéia de *collage* como propulsora do exercício etnográfico realizado por esses pesquisadores, já que fundamentalmente aqui esse recurso estilístico, e creio em outras pesquisas de antropologia urbana, pode ser apreendido.

Ora, só o fato do etnógrafo enquadrar e escolher narrar uma cidade focalizando determinados fenômenos (violência, medo, segurança, cidadania, conflito, etc) traz a exposição “os cortes e suturas do processo de pesquisa”, desvelando ao contrário de uma ciência preocupada em dissipar incongruências (Clifford, 2002) o caráter construtivista da etnografia, a medida em que a etnografia, pensada como um mecanismo de *collage* produz “momentos nos quais distintas realidades culturais são retiradas de seus contextos e submetidas a uma perturbadora proximidade”(Clifford, 2002).

Assim, penso que a escolha daqueles pesquisadores por enfatizar alguns ângulos da cidade narrada em detrimento de outros está intrinsecamente relacionada a um projeto de disciplina, a medida que o mecanismo de *collage* ali presente, além de não ignorar “aqueles elementos da outra cultura que transformam a própria cultura do investigador distintamente incompreensível”(Clifford, 2002), prestam contas mais uma vez ao caráter “construtivista da etnografia”, no que jaz, mesmo que de forma não consciente, a exposição da “conjunção de juízos estéticos e reflexivos nas adoções metodológicas” (Eckert & Rocha, 2000) do etnógrafo por meio de sua narrativa seletiva.

Parece-me que as etnografias aqui citadas sem exceção revelam a estética do etnógrafo que tenta revelar ao mundo através de sua obra de etnografia a necessidade de ampliação das fronteiras do humano, aqui, leia-se que o exercício de ampliação, antes do que reconhecer o exótico no outro, está atrelado a idéia de defesa de “um pleno potencial humano de expressão cultural”¹, lugar em que o homem, incluindo aí o próprio etnógrafo, não poderia mais ser pensado sem os seus “outros”, seus “duplos”.

No mais, visualizo nessa reflexão um elemento importante para o desnudamento do “processo pelo qual o etnógrafo transmuta os dados sensíveis e opacos da realidade social em representações e formas simbólicas, transformando os acontecimentos exteriores vividos por um agrupamento humano em verdadeiras narrativas”(Rocha, 1995: 91). Enfim percebo esse conjunto de etnografias sobre e na cidade antes que dados brutos de uma realidade dada, como uma narração, como rastros de uma “feição fabulatória do discurso antropológico”.

E é ao aderir à idéia do discurso antropológico considerando sua “feição fabulatória” (Rocha, 1995) que compactuo com a concepção de “estrutura” vinculada a uma dinâmica transformadora que pode nos permitir aprofundar nossa discussão em torno da idéia da memória vinculada aos estudos da e na cidade, pertencente ao domínio do fantástico (Eckert & Rocha, 2000), capaz de “modificar o próprio campo imaginário” (Durand, 2002: 63), nesse caso, como veremos adiante, pressuposto fundamental para entendermos como as trajetórias das mulheres que serão aqui expostas demonstram o agenciamento de suas vivências de violências indubitavelmente

¹ Mais uma vez com Clifford (2002) parece-me interessante lembrar que “A verdade etnográfica, para Mauss, era incansavelmente subversiva em relação às realidades superficiais. Sua principal tarefa era descobrir, em sua famosa frase, as várias “lunes mortas”, pálidas luas, no `firmamento da razão”. Nesse sentido, “não há melhor sumário da tarefa do surrealismo etnográfico, uma vez que a “razão” referida não é paroquial racionalidade ocidental, mas o pleno potencial humano de expressão cultural”(pp.146).

vinculadas a determinada forma de imaginação e “ do conjunto das estruturas e dos regimes que ela subsume”(Durand, 2002: 64) acerca das cidades narradas.

Dessa forma, concorda-se com um método antropológico que traga em seus fundamentos à indispensabilidade dos estudos de memória que contemple o espaço fantástico como a forma de uma imaginação criadora constituinte não só das narrativas acerca das cidades dos informantes, mas do discurso do próprio antropólogo sobre essas, como bem já o disseram (Eckert & Rocha, 2005).

Nesse ensejo Simmel (1998) poderá nos fornecer uma ferramenta importante para pensarmos e refletirmos sobre o processo de nossas pesquisas na cidade a medida em que demonstra o sentido e validade da ênfase na forma e no procedimento diante da constatação de que o processo afeta os resultados. Isso quer dizer que o conteúdo só terá sentido enquanto relacionado a uma forma (Waizbord , 2000).

Poderíamos pensar então que o aspecto formal do procedimento coordena, determina o processo de investigação, assim, dando ênfase aos processos, temos a possibilidade de ver como, por de trás de um conteúdo fixado há um processo que conduziu a ele (Waizbord, 2000). Se esse processo se dará de uma forma ou de outra dependendo por exemplo de nossas escolhas teórico-metodológicas, das suas formas de lidar e proceder com o objeto, (Simmel, 1998) brinda-nos com a possibilidade da mobilidade perante esse processo, eis o desafio: pensarmos, nesse caso, nossos estudos de violências na cidade não mais pautados por uma tradição, embora camuflada, ainda inspirada por uma sociologia durkheimiana do consenso e das sociologias marxistas e weberianas do conflito.

Aqui permitam-me uma digressão: Se existe a possibilidade de ruptura, do modo como estudamos as violências no Brasil, porque insistimos em pressupostos teóricos, nesse caso, muitas vezes pautados por uma teoria do consenso, que nega o conflito, ou por uma teoria que o abomina, ao invés de vê-lo como constituinte de um processo de interação? Aqui, recorro a (Deleuze e Guattari, 2004) quando esses discorrem sobre o “princípio de ruptura” do rizoma. Para os autores

...um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas...Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atibuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. È por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a

forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um signficante, atribuições que reconstituem um sujeito – tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismo sempre à espera de cristalização...O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada... (Deleuze e Guattari 2004: 18).

Enfim, é imbuída por essas reflexões precedentes que lhes apresento Domitila e Fênix respectivamente e suas emblemáticas narrativas por mim editadas marcadas por seus movimentos por cidades brasileiras, nas quais questões étnicas, éticas, morais, sociais, religiosas, etc, constituem o organograma de suas trajetórias nitidamente demarcadas pelo “lugar” que lhes acontece/aconteceu viver.

* * *

DOMITILA...

Eu sou de São Paulo, saí com sete anos de lá. Minha mãe tinha os relacionamentos, aí ela se envolveu com uma pessoa que se diz ser meu pai...sou fruto de um amor proibido,...como meu pai sabia que minha mãe gostava de festa, de sair, da noite, ele queria me tomar dela, ele queria que eu fosse criada por ele, não por ela...o relacionamento deles foi só aquelas relações de noite...eu nem cheguei a conhecer meu pai...a minha mãe também sofreu muito...os pais dela, os meus avós eram muito duros... Eu vendo as cabeçadas que ela deu...eu resolvi não fazer igual... Minha mãe tinha uma amiga de Sergipe que ela conheceu em São Paulo e eu sempre ia pra casa da mãe dessa amiga da minha mãe, essa amiga da minha mãe tinha uma irmã que tinha a mesma idade que eu sete anos, essa família tinha saído de Sergipe a procura de emprego em São Paulo...Todo final de semana quando não ficava no internato, ficava lá porque minha mãe trabalhava de doméstica...Como o nosso relacionamento não era bom, quando chegava o final de semana eu não queria ficar com ela, eu queria ficar no internato, daí ela ficava brava comigo...como uma filha não queria ir com uma mãe???...Nessa época teve uma enchente em São Paulo, então a família da amiga da minha mãe que era de Sergipe voltou pra lá, a minha mãe me mandou com essa família pra | Sergipe com o intuito de me buscar em quinze dias...Na hora eu adorei, porque eu tinha uma convivência muito boa com aquela família...Então fui pra Sergipe... Todo mundo perguntava: e a mãe dela? Passou quinze dias, passou um mês, passou dois meses, quatro meses, uma ano, dois anos...e nada da minha mãe...nenhum sinal dela...Nessa época eu voltei a estudar...já havia começado no internato...estudei desde pequena...aprendi muita coisa em Sergipe...a cultura é bem diferente...é tudo bonito...a diversidade da comida...eu tenho o maior orgulho de ter ido pra lá...foram bons anos da minha vida...Enquanto isso meus pais estavam na maior briga lá em São Paulo...Eu tava na boa lá em Sergipe...Eu vendia manga na feira de artesanato...andei em pau de arara...foi um momento mágico na minha vida...Depois de um tempo a família sergipana conseguiu encontrar minha mãe que havia sumido de nossas vidas, então a amiga dela perguntou se ela não ia me buscar...Nessa época que minha mãe sumiu ela tinha saído de São Paulo corrida do meu pai e ido pra Campo Grande...Nessa época eu já tinha me apegado muito à aquela

família...lá ia eu viajar de novo? Mas tive que voltar pra junto de minha mãe, então fui morar com ela em Campo Grande...Ai eu já tinha 15 anos...A minha mãe naquela época era uma estranha pra mim...Quando eu era pequena minha mãe não tinha paciência comigo, batia muito em mim...por isso eu preferia ficar no orfanato do que ir com ela... ela só me judiava...ela saía a noite no final de semana e me deixava sozinha...Muitas vezes ela me deixava na casa da patroa dela...me trancava no quarto de empregada e dizia pra eu não sair...não fazer barulho...Deixava uma garrafinha com água e sal...Quando voltei a morar com ela em Campo Grande, eu só pensava que ela ia me judiar novamente como ela fazia quando eu era pequena...Eu não gostei de cara de Campo Grande porque não tinha praia e a terra era vermelha...Quando eu cheguei lá a minha mãe ainda era da vida da noite...de bebida...bar...muita cerveja...O meu tormento foi muito grande...fiquei revoltada com aquilo...eu tinha quinze anos e ela só me batendo...o meu avô tinha chicote de bater em cavalo, daí ela me batia com aquilo...com tudo que ela encontrava na frente ela me batia... Em função disso eu não queria mais morar na casa da minha avó, eu queria morar na casa da minha tia, irmã da minha mãe, porque elas tinham uma outra maneira de viver...final de semana eu pedia pra minhas primas pedirem pra minha mãe pra eu ir pra casa delas...eu morria de medo da minha mãe...Minha mãe nessa época tinha vários namorados...e eu odiava...minha mãe namorava caminhoneiro...bêbado de bar...ela levava essa gente pra dentro de casa...Nessa época minha mãe me colocou a trabalhar junto com ela, ela era doméstica e eu comecei a trabalhar como babá...Tinham duas casas uma na frente da outra, da minha tia irmã da minha mãe e da minha avó...minha mãe morava com as duas ao mesmo tempo...dependendo da noite quando ela chegava da rua, a casa que tivesse aberta ela entrava...minha mãe chegava bêbada em casa... Nessa época eu comecei a estudar a noite...era difícil...Eu chegava do colégio e encontrava ela sempre com um cara diferente, cada dia um cara diferente...quando ela saía de perto, ela pedia pra eu fazer companhia pra esses homens e eles já me cantavam...foram acontecendo essas coisas...eles mexiam comigo...me bulinavam...Nessa época também o meu primo começou a contar uma história pra mim da minha mãe...a minha tia que eu gostava muito, que eu sentia que ela me acolhia...ela não se dava bem com minha mãe...quando a tia tinha ganhado bebê...tava de resguardo e a minha mãe foi cuidar dela a minha tia pegou a minha mãe tendo relação sexual com meu tio no quarto do casal...enquanto minha tia tava descansando na varandinha os dois estavam transando no quarto...imagina minha tia tinha acabado de ter bebê...cesariana...tava toda furada e presenciou uma cena dessas...a minha tia arrebitou todos os pontos dela...bateu nos dois...Nesse tempo que eu tava em Campo Grande minha mãe tava se relacionando sexualmente com o próprio sobrinho...daí que eu fui entender porque minha mãe dormia na casa da minha avó e da minha tia...meu primo de primeiro grau...Daí eu comecei a me questionar o por que disso...daí comecei a perguntar sobre o passado da minha mãe com as minhas primas, daí descobri porque minha mãe tinha ido embora para Santos, foi porque minha mãe tinha ficado grávida e foi expulsa de casa pelo meu avô, chegando lá ela deu meu irmão para outra pessoa criar...outro fruto de um amor proibido...esse morreu e um outro irmão que eu tenho é traficante...é fôda...A partir daí foram brigas contínuas, muitas discussões...eu fui espancada por ela várias vezes...e aqueles homens que ela levava pra dentro de casa continuaram me atormentando...falava pra ela por que tu não para de beber...eu falava pra ela que eu era filha única e ela devia cuidar de mim, daí ela dizia que eu era muito espertinha...nunca chamei ela de mãe...chamava ela de você...hoje ela não bebe mais...essa distância ainda tem que ser quebrada...hoje ela mora em Campo Grande...Daí eu comecei a estudar, estudar...já ia de manhã pro serviço com o material escolar, saía de lá pegava ônibus e ia pra escola...Chegou uma época que eu cansei de trabalhar e estudar...era muito difícil eu não tinha apoio de ninguém...Foi muito triste...Eu não gostava de homem por causa das coisas que a minha mãe fazia... eu tinha nojo...Pra fugir daquela realidade a saída era viagem...Tinha uma vizinha nossa que trabalhava na caixa econômica e foi transferida para uma pequena cidade de Mato Grosso Sul, Riviera, tem rio...uma delícia...daí eu fui com ela pra trabalhar de babá...Daí nessa época parei de estudar...comecei a pensar: pra que estudar, sei ler e escrever...Comecei a colher essa frase pra mim...queria crescer mas não tinha estudo, não tinha iniciativa, não tinha incentivo pra nada...Naquela região é muita gente pra pouca verba do município, do estado...não sei hoje como tá, mas naquela época não tinha nada...Daí parei de estudar e comecei a trabalhar...não fazia curso, não fazia nada...Daí como não acontecia nada naquela região, comecei a trabalhar com as crianças, com o dinheiro que eu ganhava do trabalho de babá comecei a comprar medalhas, doces, fazia mapa do tesouro, fazia equipes e montava

gincanas com as crianças da vizinhança, da família...queria voltar a fazer isso hoje, só que falta tempo... Daí essa minha patroa da caixa conseguiu um projeto pra eu desenvolver com as crianças...como eu ficava triste quando via crianças que eram judiadas como eu fui, com esse projeto ajudei muitas famílias...

Lá se ganhava muito pouco...como doméstica e babá a gente não ganhava quase nada...o que ganhávamos nem chegava perto do salário mínimo...quando ganhei meu primeiro salário eu comprei um shampoo...Era tanta pobreza, tanta miséria, que lá só tinha sabonete no banheiro, e quando tinha...sempre tinha vontade de comer isso, aquilo... fui no banheiro tomar banho, nunca esqueço era shampoo de morango...comecei a ver aquela espuma branca...fiquei encantada...demorei um monte no banho...o que aconteceu? Apanhei um monte pelada no banheiro da minha mãe...eu gastei um pote de shampoo num dia só...senti uma sensação de poder...daí a minha vó bateu na porta e eu não saía...quando eu abri a porta...a minha avó abriu o banheiro...nessa hora eu cresci...quando minha avó viu o pote de shampoo vazio no chão, ela falou o que que é isso...quando eu comprei eu mostrei pra todo mundo...Eu falei: o vó eu comprei com o meu dinheiro...pra que eu fui falar assim com minha avó...minha mãe tava chegando do serviço...a minha mãe adorava me bater...me bateu nua...eu chorava...daí eu pensei em fugir...qualquer coisa eu chorava...eu olhava aquelas marcas...porque fivela de cinto deixava marca...e chorava...

Tere um dia em que ela pegou o arrei do meu avó e começou a me bater na cara...daí ela começou a me enforcar... sorte que o meu tio tava em casa, senão ela tinha me matado...fazia tanto barulho aquilo no meu corpo...pra eu não berrar ela começou a me enforcar...eu comecei a engasgar... eu to vivenciando tudo isso enquanto to te contando...eu já superei tudo isso...mas ainda é muito doído lembrar isso...foi por um triz que ela não me estrangulou...chegou uma hora que trancou tudo...o meu tio chamou ela de louca...eu tinha vergonha...eu era vítima, mas sentia vergonha...Eu apanhei muito e não morri...o que eu passei eu não quero que ninguém passe...se depender de mim...Depois disso tere um nova tentativa...e foi a última...isso eu já tinha uns dezessete anos...ela levantou o braço eu segurei, levantou o outro braço mas eu não deixei e ela me olhando...Até que ela desistiu acho que naquele momento tanto ela como eu percebemos que eu já não era mais aquela menina, eu era uma mulher, e tinha tanta força ou mais do que ela, depois daquilo ela nunca mais tentou...é triste depois de tanto apanhar eu descobri que podia me defender, que não era tão fraca assim...foi só eu me defender que ela recuou...A minha mãe tinha um olhar muito feio, nunca mais vou esquecer aquele olhar de ódio que ela estampava na cara quando tava sóbria... Agora ela tá regenerada...A nossa relação sempre foi regada por muita violência...A gente discutia muito, ela nunca fez o papel de mãe, ela era uma mulher da rua, da noite...Em bar de sinuca era só ela de mulher, o resto era tudo homem, e ela jogava pra caramba...ganhava...ela só tomava uísque, ou conhaque...minha mãe tinha até um time de futebol...Às vezes ela sumia de casa, daí a gente ficava sabendo que ela dormia na casa dos homens, dos amigos cachaceiros...Até que um dia ela conheceu um cara no bar que bebia junto com ela...Nessa época ela só vinha na vó para pegar a roupa pra trabalhar e já saía...ela começou a se envolver com esse cara...todo dia ele ligava pro trabalho dela...eu tinha um nojo...tinha um nojo de homem...por causa dela...por um lado foi bom esse relacionamento deles, porque um ajudou o outro a parar de beber...hoje eles estão de casamento marcado na igreja, casamento coletivo...começaram a morar junto...eu tinha nojo das minhas roupas misturadas no mesmo cesto de roupa suja com as de um homem estranho...eu não gostava dele...começaram a se envolver e ela começou a sossegar o facho dela...Mas se antes eu já não tinha lugar lá, naquele momento em que ela arrumou um homem eu não tinha mais nada pra fazer lá...Foi aí que eu recebi uma proposta para ser cozinheira no Rio de Janeiro...Fui trabalhar no Leblon...Aí eu já tinha uns dezenove anos...Tem um pessoal carioca de classe média, média alta, que tem mania de pegar meninas do interior, tipo Campo Grande e explorar no serviço doméstico...Eu só fazia comida, mas tinha uma menina de treze anos que tinha que limpar aquele apartamento imenso...E era trabalho, tínhamos que servir a mesa, levar a comida na bandeja e servir os patrões...Essa gurria era novinha, mas era muito esperta...Lá eu também fazia compra no mercado, trazia notinhas...Houve um momento em que os donos da casa começaram a deixar dinheiro em todo canto da casa...A minha parte era só a cozinha, tanto que eu nem cheguei a conhecer todo o apartamento, só fui até a sala...O meu quarto e o da gurria ficava no lado da área de serviço, era muito maça...tinha televisão...Essa menina pegou uma folha de cheque dos patrões e foi fazer compra...Eu mandei ela devolver e ela me mentiu que foi a patroa que tinha dado pra ela...Eu vi que o negócio não ia prestar...eles eram racistas, eu era proibida de cruzar a porta da cozinha,

só ia até a sala se tivesse que ajudar a servir alguma refeição...eu gostava, ficava no meu canto...um dia essa mulher sentiu falta do cheque...Me perguntou sobre ele e eu falei que eu nem entrava no apartamento, disse que não sabia de nada...Esse dia foi horrível...eu não queria entregar a guria...e a patroa ficou me pressionando perguntando onde tava a guria...Perguntavam pra guria, mas também olhavam pra mim...entraram no quarto pra olhar nessas coisas...Até que eu falei pra eles que ela sabia onde o cheque tava...ela entregou o cheque e então o patrão pegou a havaiana dos pés dela e começou a bater no rosto dela com a sandália e eu vendo tudo...a guria tinha treze anos e quando apanhou não deu nenhum pio, não saiu lágrima do olho dela nada...tava acostumada a apanhar...devia rim de uma vivência como a minha...Foram olhar tinha um monte de coisa na bolsa dela...arrumaram um vôo e mandaram ela de volta pra casa, nesse dia ela me disse que eu seria a próxima porque os donos da casa não gostavam de negros...Com o tempo eu comecei a conversar com o filho da patroa e ela proibiu dizendo que empregada não pode ficar conversando com filho de patrão...Ela tinha um sotaque de carioca bem forte, eu adoro sotaque de carioca, mas aquela mulher eu odiava...Um dia ela chegou em casa e o almoço ainda não tava totalmente pronto e ela foi bem grossa comigo dizendo que o almoço estava atrasado e que eu tinha que andar na linha, que eu escapei de não ir embora junto com a outra, que eu deveria ter contado logo de início que o cheque estava com ela e então falou se eu tinha o mesmo costume da outra e fez um comentário que pra mim foi a gota d'água, ela disse que essas negrinhas que vinham lá de Campo Grande não eram confiáveis...Depois daquele dia eu não quis mais morar lá...Fiquei naquela casa mais um mês e meio...Mas antes de ir embora fui conhecer o Rio de Janeiro, com o dinheiro que recebi fiz um monte de compra. Comprei roupa, sapato, creme pro cabelo...Me levaram no aeroporto e voltei pra Campo Grande...Chegando lá me chamaram de besta por ter ido com gente estranha pro Rio de Janeiro e eu respondi que pelo menos eu conheci outros lugares...Lerei uma pasta pra alisar cabelo e comecei a passar no cabelo das meninas todas...Lerei iogurte, bolachas, aquilo foi a festa pro pessoal da minha casa que não tinha acesso a esse tipo de coisa...De volta a Campo Grande a minha vida voltou a ser a mesma de sempre...eu já não estudava mais...não tinha mais nada pra fazer, comecei a ficar triste...foi então que o marido da minha prima Elisa veio trabalhar aqui em Itajaí...Começou a trabalhar em terraplenagem e alugou uma casa e chamou ela para vir...Quando ela disse que viria eu pedi pra ela me colocar na mochila dela, eu não podia ver ninguém viajar que já me animava para ir junto...Quando fez um ano que ela e o marido estavam morando aqui em Itajaí boa parte da família veio para passar o natal e o ano novo, eu tentei vir também mais não consegui o dinheiro da passagem...Trabalhei um monte até nas eleições na boca de uma pra dois partidos diferentes, em cada bairro eu vestia uma camiseta diferente, mas não teve jeito, não consegui juntar o dinheiro todo, na época faltava em torno de uns trinta reais para completar a passagem de ônibus Campo Grande - Itajaí. Passou algum tempo e minha prima teve bebê, quando saiu daqui ela já tinha uma menina e lá ganhou mais uma, aproveitando a situação eu escrevi uma carta pra ela que se ela quisesse eu vinha morar com eles em Itajaí para ajudar a cuidar das crianças, ela me respondeu prontamente que estava com sorte porque o meu tio, pai dela tava vindo pra Santa Catarina e poderia me trazer junto com ele, eu nem pestanejei, tudo que eu queria era fugir daquele inferno...um mês antes da partida eu já comecei a arrumar a minha mala. Quando eu cheguei aqui estranhei bastante, era muito diferente...era muito frio...as pessoas eram muito fechadas...eu não fazia nada aqui além de cuidar das filhas da minha prima...Eu era a única negra da rua...todo mundo olhava meio estranho pra mim...Mas foi indo, foi indo, mesmo as pessoas sendo bem reservadas fui me acostumando...Até que as crianças foram pra creche e eu sem dinheiro comecei a procurar emprego...Até que eu consegui o emprego de serviços gerais numa loja de cosméticos que produzia os próprios produtos...Pra mim foi aperdição, eu até hoje adoro cremes, shampoos, perfumes...quem trabalhava lá tinha o desconto de 50% na compra de qualquer produto, mas mesmo assim mesmo era caro, chegava no final do mês eu já tinha gastado boa parte do salário naquilo (risos)...Naquela época eu tava me achando o máximo, imagina ganhei um guarda-pó branco pra trabalhar, ganhava salário de verdade, nunca tinha tido isso na vida...e ainda por cima fui promovida a assistente de produção, enchia frasco de perfume, etc...Foi um tempo bem legal, mas aconteceu o seguinte o meu primo conseguiu emprego, mas a minha prima não, então tava ficando difícil a família se manter aqui, pagar aluguel, luz, água...então eles resolveram voltar pra Campo Grande, fiquei muito triste mas tive que pedir demissão e voltar junto com eles já que sozinha eu não tinha como me manter com um salário...Mas antes como fiz no Rio de Janeiro peguei o dinheiro que tinha pra receber

e comprei roupas, mais cosméticos, presente pra todo mundo lá em Campo Grande, inclusive pra minha mãe... Fui no 1,99 e comprei uma sacola bem bonita e enchi de perfumes, batons, sabonetes, etc e levei pra minha mãe de presente, quando cheguei lá ela nem acreditou que tudo aquilo era pra ela... Como eu já imaginava chegando lá não arrumei emprego, não tinha emprego...pra não ficar sem dinheiro comecei a bater nas casas que eu achava que eram mais bonitas e a oferecer serviço como lavar calçada, passar roupa e assim fui sobrevivendo... Não passou muito tempo e uma vizinha da casa que a gente morava lá em Stajai ligou pra minha prima perguntando se eu não queria voltar pra Stajai para cuidar da netinha dela que ela criava de três anos e de uma filha adotiva que ela tinha de dez anos porque ela teria que começar a viajar bastante pro Rio de Janeiro em função de um tratamento que o marido precisava fazer já que estava com câncer e não tinha com quem deixar a crianças... Ahhh eu pulei de alegria, ela mandou o dinheiro pela conta do marido da minha prima para eu comprar a passagem e eu fui. De volta a Stajai além de cuidar das crianças por incentivo de uma vizinha comecei a frequentar o "EJA" para acabar o primeiro e o segundo grau,tava bem feliz, finalmente eu me sentia útil, morando com uma família, chamava o casal de sessenta anos que me acolhera de pai e mãe, estava estudando... Até que algo parecido com o meu passado começou novamente a me perseguir, o velho tava bastante doente mas mesmo assim começou a me assediar, quando a esposa dele não tava por perto me pedia e implorava beijo, passava a mão em mim, fingia que tava passando mal pra me chamar pro quarto e me assediar... eu fiquei bastante perturbada com aquela situação, porque além dele estar realmente doente, de ser velho eu não queria contar aquela coisa horrível pra mulher dele, uma senhora que fazia tudo por ele, me chamava de filha e que tinha me acolhido tão bem...era uma situação muito chata... Quando as pessoas tavam perto ele era bem mal comigo, quando elas saiam ele ficava se esfregando em mim... Que martírio...a casa dele funcionava como um quartel, já que ele era ex-comandante da marinha,..., quando ele pedia alguma coisa todo mundo tinha que atender... Comecei a ver que ele era realmente malvado... A única coisa que me segurava lá era porque ele não ficava o tempo todo em casa, ficava uma semana em casa e às vezes até duas no Rio para fazer o tratamento de câncer... Com essa situação comecei a ficar muito apreensiva, a mudar o meu jeito de ser... Como eu falei o meu passado tava batendo a minha porta novamente... Eu não falei antes, mas a própria família que a minha mãe me enviou lá em Sergipe também me assediou, eu tento só lembrar das coisas boas que aconteceram lá, mas lá também eu fui assediada e eu era só uma criança... Como em Campo Grande por aqueles homens que a minha mãe levava pra dentro de casa... Chegou um dia em que ele começou a passar a mão em mim e eu dei um empurrão nele, como ele tava "fraco" porque tinha vindo da quimioterapia começou a passar mal, depois daquele dia nunca mais me incomodou, também não teve muita oportunidade, porque um tempo depois ele morreu no Rio de Janeiro... O tempo foi passando e eu já estava na casa dessa família em Stajai fazia três anos, terminei o EJA, fizemos uma festa de formatura e eu comecei a desanimar porque tinha me formado mas continuava a trabalhar de babá, e depois eu não tinha carteira assinada, a senhora com quem eu morava me pagava direitinho, mas se negava a assinar minha carteira, eu fiquei muito chateada com isso, mas não podia fazer nada, como eu ia botar no "pai" a pessoa que havia me acolhido em sua casa? Nessa época, logo depois da formatura surgiu uma oportunidade de emprego em Blumenau, ainda como babá e cozinheira, mas ganhando bem melhor e com carteira assinada, foi difícil pedir demissão pra quem tinha se tornado quase uma família pra mim, mas enfrentei e pedi. Quando cheguei em Blumenau fiquei sabendo que ia trabalhar na casa de uma médica pediatra que fazia parte de uma família tradicional do local e morava num bairro nobre da cidade... O prédio tinha um apartamento por andar, nunca tinha visto uma casa tão linda, nem lá no Leblon, tinha uma sacada gigante, muitos cristais, sala de piano, quatro banheiros... Era muito chique... O problema foi que eu não tinha carteira de motorista e precisa porque ficaria um carro a minha disposição para levar o filho da patroa para as aulas de tênis, piano, inglês, etc... Aquela menino ia se tornar um gênio ou ficar maluco... Também tinha um cachorrinho de raça que só podia beber água mineral e às vezes eu me esquecia e dava água da torneira, como tinha câmera no apartamento a doutora viu o que eu fazia e não gostou... A gota d' água tanto para mim quanto para ela foi quando um dia que eu tava com tanta alergia, depois descobri que era alergia do cachorro, que ao invés de deixar a cozinha limpa corri para farmácia e nesse meio tempo chegou a irmã dela da Inglaterra, foi um escândalo, como que eu poderia ter deixado a louça suja? Mesmo eu mostrando pra ela a notinha da farmácia e o meu corpo todo pipocado, até parecia que eu tava com rubéola ela não entendeu, então eu disse que ia embora e ela concordou... Fiquei lá mais

ou menos um mês e meio e lá estava eu de volta em Itajaí novamente... Voltei e fiquei morando na casa da mesma família onde eu trabalhava, e moro lá até hoje, mas agora eu não seria mais empregada e sim mais ou menos um membro da família, ou uma hóspede permanente, alguém que ajudava de alguma forma pagar as contas... Não continuei a trabalhar na casa pois logo depois que voltei de Blumenau um colega meu do EJA arrumou um emprego com salário e carteira para mim numa empresa que presta serviço para Universidade, eu fazia serviços gerais na área de limpeza, era faxineira. A universidade era um mundo novo para mim, na época em que eu fazia o EJA me perguntaram se eu ia fazer vestibular e isso nem passava pela minha cabeça, já que para mim isso era coisa só de quem tinha dinheiro, mas depois que eu comecei a trabalhar lá vi que poderia tentar... O meu sonho era fazer fisioterapia mas como o vestibular era muito concorrido optei por biotecnologia já que tinha matérias afins e depois eu poderia tentar conseguir uma transferência interna... Fiz e passei no vestibular, lá tava eu me achando o máximo, imagina eu uma universitária, o único problema era quando eu encontrava meus colegas com o uniforme de servente, limpando o chão, eu não me sentia muito bem, sentia uma certa vergonha, mas tinha que superar aquela barreira... Não fui muito bem no curso, era bastante difícil e eu não gostei muito... Até que eu consegui por intermédio do pessoal de História que mantive contato no EJA um estágio no arquivo municipal de Itajaí, lugar em que trabalho hoje, estou aqui desde 2004, esse estágio era para trabalhar no projeto "Memórias dos bairros"... Na época o professor de História me explicou que como estagiária eu ganharia menos que na empresa de serviços gerais, mas eu não liguei, pelo menos teria um emprego mais interessante, foi a partir daí que comecei a me interessar por História, então troquei de curso e hoje estou no quinto período da faculdade de História e continuo trabalhando nesse projeto, aqui eu faço entrevistas, transcrevo fitas e me orgulho de trabalhar num projeto que leva em consideração a memória das pessoas comuns que geralmente são esquecidas quando se fala na história da cidade, de um ponto de vista que até então tinha sido esquecido... Tenho muita facilidade em entrevistar as pessoas, principalmente porque são velhinhas, elas se abrem comigo falam de suas alegrias e suas tristezas, muitas vezes eu me identifico com elas... esse trabalho é muito interessante...

FÊNIX

Com a morte da minha irmã minha mãe ficou muito doente, na época ainda não se falava em depressão, mas acredito que ela teve... Daí ela largou de mão os filhos mesmo... Lembro que foi horrível, a sensação de perda da minha irmãzinha, o enterro, o caixão, foi tudo muito marcante, se a família até então não ia muito bem... depois daquela experiência tudo piorou... Voltando a minha adolescência as coisas entre eu e minha mãe ficaram ainda piores quando eu comecei a perceber que o meu pai começou a me espiar quando eu trocava de roupa, tomava banho... eu bastante incomodada contei pra minha mãe e ela não fez nada... só fez ficar com mais raiva de mim... Eu não consigo entender porque as mulheres se omitem tanto nessas situações, acredito que muitas delas poderiam evitar a violência sexual contra seus filhos se não fossem tão omissas... A minha mãe viveu e vive até hoje ao lado de um homem que ela não ama... acredito que mais que brigar comigo ela duelava com ela mesma... Quando eu já morava em Salvador e meus pais iam fazer 25 anos de casado em abril é que caiu a minha ficha que se eu ia fazer vinte e cinco anos em outubro quando minha mãe casou com meu pai ela tava grávida de quatro meses... Nesse dia passou pela minha cabeça todas às vezes em que ela me agredia física e psicologicamente dizendo que eu era a culpada dela ter tido que se casar com meu pai... Engraçado que desde que eu era pequena ela recriminava as moças que ficavam grávidas solteiras, inclusive eu que nessa época, com vinte e cinco anos, já tinha tido um filho solteira... Foi por isso então que ela foi obrigada a casar com meu pai... Porque criticar tanto os outros se o ato foi dela, não foi de ninguém... Nós não temos uma relação boa até hoje... Então, nessa trajetória da minha mãe me maltratar eu acabei fazendo as coisas pra agredir mesmo... Quando eu saía se ela mandava eu voltar em tal hora eu voltava mais tarde... Quando eu fui estudar a noite, eu mal ia pra aula e ia dançar... Era proibida de tudo, então fazia tudo escondido... Muita coisa que aconteceu comigo foi em função dessas proibições, não estou colocando a culpa neles, mas fiz um monte de coisa que não foi legal pra mim mesma com o intuito de feri-los... O primeiro homem que eu amei, que eu era apaixonada, o

meu pai me proibiu de namorar, isso porque ele era irmão de uma pessoa que foi presa em 64 por causa da ditadura e meu pai o acusava de comunista, o que pra ele era o fim já que o meu pai foi sempre um homem político, da situação... Quando eu comecei a namorar esse rapaz eu tinha dezesseis anos, tava acabando o ginásio...foi uma coisa bem boa...eu sentia que pela primeira vez na minha vida tinha uma coisa minha, concreta...E não deu certo porque o meu pai não deixou isso acontecer...Foi meu primeiro amor...A partir do nosso rompimento a minha vida começou a ficar bem confusa...porque mais do que tudo nós éramos muito amigos...Eu era uma moça, uma mulher muito vistosa, bonita, alta, corpo bonito...No começo isso me incomodava um pouco principalmente pelo assédio dos homens, mas depois eu comecei a tirar proveito disso...E tem uma coisa chamada vaidade...dá a gente acaba tirando proveito...Até tem um episódio engraçado que eu e aminha prima cortamos o cabelo bem curto para vender e poder comprar bolsa e sapato de verniz...E aquele amor foi uma coisa pura na minha vida...tanto que até hoje eu sinto esse amor por aquela pessoa...Eu encontro com ele, ele tá doente, eu fico triste dá gente ter se separado...Não tenho certeza que teria sido uma longa história...mas o problema é que a gente nem teve o direito de tentar...Eu ficava revoltada do porque eu não poder ter a vida igual de muitas mulheres, namorar, casar com quem eu estava apaixonada, ele era um cara decente, tinha dezoito anos, fazia o exército e o meu pai encontrou meios de nos proibir...Por que eu me perguntava...porque eles não aceitavam esse relacionamento...Eu não estava fazendo nada de errado...Ele era o genro que toda mãe e todo pai deveria querer para uma filha...Depois que não deu certo eu fui estudar a noite e me liberei...Tinha um monte de casa noturna em Stajai...Encontrei uma turma bel legal, tinha umas moças mais velhas do que eu e outras da minha idade...Nessa época eu usei e abusei de tudo que eu tinha direito...Faltava a escola...Tinha um homem que era separado que de vez em quando me dava carona...ele me assediava bastante...Um dia ele me deu carona num dia de chuva ele me levou pra praia de Cabeçudas e ali a gente teve relação...Eu tinha dezoito anos...foi a minha primeira relação...A gente se conheceu na escola eu fazia normal e ele contabilidade, ele se formou um ano antes de mim...Depois ele foi da primeira turma de formandos de direito de Stajai...Nessa relação eu engravidei...uma única vez e eu engravidei...Foi uma relação bem conturbada porque eu não era nenhuma santa...mas ao mesmo tempo eu ainda era virgem, na hora eu me senti violentada...ele foi estúpido...na hora E eu fiquei com medo e eu desisti, mas ele me segurou e foi e eu engravidei...Dá a minha situação ficou difícil...Se a minha relação com minha mãe e meu pai já era difícil...quando eu fiquei grávida piorou muito...E eu não aceitava aquela situação de estar grávida...eu tinha minhas ambições, eu queria continuar meus estudos...eu tinha outros sonhos...E eu sabia que tudo isso seria interrompido ali...Eu não aceitava que tava grávida...principalmente de um homem que eu não amava... E eu não contei que tava grávida pra ninguém...Segurei a minha gravidez até os sete meses...A única pessoa que eu contei foi pra ele, pro pai...só que ele foi tão grosso comigo e tão castigaste que eu não consegui mais contar pra ninguém...resolvi esconder...A única reação dele foi me levar pra abortar...como não tive coragem, não fui, não falei mais com ele e deixei o tempo correr e com isso a barriga ia crescendo e eu ia usando cinto e roupas mais largas pra esconder de todo mundo...Mas uma vez eu me via envolta com quem não me respeitava...O meu pai e minha mãe não me respeitaram...e ele também não me respeitou...Foi muito difícil...Foi muito difícil (choro)...O problema da minha doença não foi tão difícil como enfrentar essa gravidez sozinha...Dá eu me vi completamente só...(choro)...Eu continuei estudando, eu fazia tudo normal...Só que eu tinha o corpo muito bonito e comecei a engordar...Na minha cabeça ia acontecer alguma coisa mágica que aquilo ia ser interrompido...eu não aceitava aquilo...Na época nós tínhamos a disciplina de educação física, dá um dia na aula de educação física as outras alunas mais velhas ficaram olhando pra mim e focando e logo depois eu fui chamada na sala do diretor e elas estavam lá...e perguntaram pra mim se eu tava grávida...E falaram...falaram...Foi uma conversa horrorosa...constrangedora...Dá eu disse que a minha mãe não sabia...E aquilo na escola todo mundo ficou sabendo...Dá o diretor ficou de ir conversar com a minha mãe junto comigo, porque provavelmente iam me colocar pra fora de casa...Essa conversa na escola foi numa sexta-feira e o diretor ficou de ir na próxima semana na minha casa...Só que no sábado a minha mãe foi ao mercado e lá ela ouviu alguém comentar com outra pessoa sobre a minha gravidez e a minha mãe escutou...A minha mãe quase morreu...Dá o meu diretor foi conversar com ela e eles deixaram eu ficar em casa...O meu pai não me aceitou, mas mesmo assim eu continuei dentro de casa...Dá a minha vida ficou um inferno total...Claro, algumas pessoas me ajudaram, da própria

escola, me deram o enxeoral... Naquela época uma mãe solteira era muito discriminada... eu não saía mais de casa, só vivia pra estudar... Porque na escola quando ficaram sabendo da gravidez me trataram bem, de lá eu não posso reclamar... Só parei pra ter o bebê... A minha mãe me acusa até hoje por aquela gravidez, mas acho que eles também poderiam ter me ajudado no sentido de procurar o pai e ter pedido para ele tomar uma posição... Minha mãe ficou com vergonha e começou a andar de cabeça baixa... O neném nasceu e já na outra semana eu retornei pra escola pra acabar o segundo grau... Como tava muito difícil de emprego, principalmente pra uma mãe solteira, surgiu uma oportunidade que eu não podia deixar passar... Uma instituição em Itajaí tava oferecendo três vagas para trabalhar com a comunidade, só que para isso teria que passar por uma seleção e se passasse teria que fazer um curso de capacitação em assistencialismo no Rio de Janeiro, dentre mais ou menos 500 pessoas eu fui selecionada, minha mãe ficou com o bebê e eu parti pra o Rio... Só que eu Não fui muito bem nessa capacitação, só que na época eu fiquei sabendo que tinha uma outra vaga para professora de jardim de infância, e eu me identificava mais com isso, porque a minha formação era normalista, eu tinha habilitação pra dar aula... Daí eu consegui permanecer no Rio de Janeiro e fazer esse outro curso de capacitação pra jardim de infância... Daí eu fiquei mais um mês no Rio, no total eu fiquei três meses no Rio. Lá eu conheci gente do Brasil todo que também estavam fazendo capacitação... E naquele curso eu fui muito bem... Daí surgiu uma vaga em Salvador na área do curso que eu tinha feito, para Itajaí não tinha previsão... O salário era bom, eles pagavam todas as despesas... Daí eu voltei pra casa em Itajaí e disse para minha mãe que eu ia pra Salvador, ela não aceitou, mas eu disse pra ela que eu ia, ia me estabilizar lá e voltava pra pegar o menino... Isso era 1973. Daí começou uma outra etapa da minha vida... Um ano e pouco depois eu vim buscar o menino e a minha mãe já não deixou mais eu levar... As coisas na cabeça dela já tinham mudado muito, pra ela a mãe dele era ela e o pai dele era o meu pai... Depois quando ele já tava maiorzinho eu vim buscar novamente, mas não consegui levá-lo... Daí eu trabalhando naquela instituição em Salvador eu conheci um novo amor... Era uma pessoa que fazia medicina e uma vez por semana ia até a instituição fazer estágio e atender as crianças carentes... Quando a gente viu a gente começou a namorar... Namoramos algum tempo e eu voltei a engravidar... Isso depois de três anos do meu primeiro filho nascer... Nós tivemos um romance bem louco... Porque se aqui em Itajaí, era tudo proibido, era pecado, lá na época era tudo liberal... Era uma vida completamente diferente daqui... Foi um amor misturado com paixeão... Foi uma coisa muito maravilhosa... Quando eu fiquei grávida ele me colocou num apartamento, a mãe e a irmã dele nos apoiaram, mas o pai dele não... Tava preocupado com a faculdade dele e foi contra que nós morássemos juntos... Então ele só ia me visitar nos finais de semana, mas era uma época muito complicada, ele tava fazendo residência... tinha que estudar muito... E tinha uma outra coisa que começou a estragar nosso relacionamento... ele me tratava como uma princesa... mas era extremamente ciumento... até as compras vinham até minha casa... Eu não podia sair nem a pé, nem de ônibus, só de táxi... não podia conversar com ninguém... E isso ia contra o que eu sou... bem comunicativa... gosto de conversar com todo mundo... Depois que o bebê nasceu e já tinha 9 meses nós tivemos uma discussão muito feia e rompemos... Ele não abandonou o filho, a criança sempre ia pra casa da avó... Mas nós nunca mais voltamos... Ai eu sofri muito também, porque eu gostava dele... Nessa época eu arrumei um emprego numa tecelagem eu secretariava a produção... Fiquei um bom tempo nessa empresa... Até que um homem mais velho se apaixonou por mim, quis ficar comigo mas eu recusei, não gostava de homens mais velhos, mas mesmo assim ele começou a me proteger e arrumou um emprego melhor pra mim numa empresa de seguros, na época essa empresa dava boas oportunidades... Como eu tava melhor financeiramente voltei pela terceira vez pra Itajaí pra buscar meu filho, mais uma vez meus pais recusaram e dessa vez ele próprio não quis ir comigo... Ele já tinha 5 anos, embora eu nunca tivesse o abandonado completamente, mandava sempre presentes e dinheiro, minha mãe o colocava contra mim, dizendo que eu o tinha abandonado, não explicou que eu tinha ido trabalhar e que por outras vezes já tinha ido buscá-lo, assim o menino cresceu me odiando... Passou mais um ano e eu ainda trabalhando na empresa de seguros em Salvador eu conheci um outro homem, que foi meu marido por 23 anos... Eu conheci o Roberto numa festa na casa de uma amiga minha... Logo depois nos fomos morar juntos, e logo ele também foi trabalhar na mesma companhia de seguros que eu trabalhava... Dessa vez não era paixeão, mas nós nos gostávamos, e o melhor é que ele me aceitou do jeito que eu era... Ele aceitou que eu já tinha dois filhos... Ele era filho adotivo, sofreu bastante na vida também, então

resolvemos ir morar juntos... Nós moramos um tempo junto, depois nós casamos no civil e no religioso... Tivemos uma vida bem sofrida juntos...ele era violento...bebia... Depois de algum tempo ele foi trabalhar na mesma companhia de seguro que eu trabalhava... Ele mudava muito de personalidade... E ele foi se revelando um homem violento aos poucos... Ele não podia ser contrariado que virava bicho...

Recapitulando: Eu morei em Salvador durante cinco anos, conheci o pai do meu segundo filho e me relacionei com ele durante um ano... Depois que eu me separei dele eu conheci o pai do meu terceiro filho e vivi com ele durante vinte e três anos... Conheci ele numa festa, ele me envolveu, ele me valorizava muito... Aí fomos viver juntos, ele sempre quis noivar, casar, queria ter uma relação bem certinha comigo... Eu é que era meio assim... meio... eu não queria casar... Eu tinha medo de me casar... Ele foi se revelando aos poucos, era bom, cuidava de mim... quando nos conhecemos ele estudava, trabalhava, fazia faculdade, mas já tava largando... ele era jogador de futebol... Depois que agente conviveu e hoje eu penso, que ele tinha um distúrbio de comportamento, na mesma hora que ele tava bom, logo ele mudava de comportamento... Ele nunca sabia o que ele queria, ele começava uma coisa e não terminava... Ele teve bons empregos... Ele era um homem extremamente inteligente... Quando eu o conheci eu trabalhava numa empresa de seguros e levei ele para trabalhar comigo... Ele nunca tinha visto seguro, e em uma semana de curso ele superou todas aquelas pessoas que já trabalhavam na área, em pouco tempo ele foi ser instrutor de seguros no norte e nordeste do Brasil... Então ele ficou com um alto salário, logo depois disso fomos morar juntos e nos mudamos para São Paulo, pois tivemos uma oferta irrecusável na Bradesco seguros, onde além dele eu também viajei com emprego garantido... Moramos sete anos em São Paulo, e já no início tivemos grandes problemas, pois ele perdeu o emprego dele por causa da bebida, por causa da irresponsabilidade dele, porque daí ele bebia a noite e não acordava cedo pra ir trabalhar... chegava atrasado... E a disciplina do banco onde nós trabalhávamos era muito rígida... Em primeiro lugar toda pessoa que vem do nordeste já tem um rótulo, tem que provar que é cem por cento bom... não pode ser noventa e nove por cento bom, tem que ser cem por cento... Em São Paulo todo mundo fala: é baiano mesmo, só faz baianada... E ele acabou fazendo não só baianada, mas um monte de "caca", e nisso eu continuei trabalhando, eu trabalhei sete anos no banco, só sai quando voltei pra Santa Catarina... Ele perdeu o emprego em meses... Depois ele entrou em outra companhia de seguros e foi ser vendedor de seguros em todo interior de São Paulo... Na época nós morávamos na grande São Paulo em Osasco, daí nós compramos uma casa boa, eu engravidei novamente, antes disso eu havia feito um aborto em Salvador, pois ele não queria ter o filho, nós estávamos brigando muito e eu resolvi abortar... Já nessa terceira gravidez desse foi a melhor fase que nós vivemos juntos, ele tinha isso, tinha época em que ele era maravilhoso, acho que foi por isso que consegui viver vinte e três anos com ele... Então, no oitavo mês da gravidez do meu terceiro filho eu estava em casa sozinha porque ele tava viajando pela seguradora eu passei mal, fui pro hospital sozinha, corri risco de vida e perdi o bebê, foi muito triste, porque esse filho tinha sido planejado, nós estávamos esperando por ele, quando ele voltou de viagem fizemos o enterro, foi muito triste... Mas daí aconteceu que logo depois dessa perda eu engravidei novamente... Na verdade, eu gosto de filhos, eu acho que eu não gostava era de marido, mas de filhos eu gosto, se eu pudesse eu teria mais filhos... Seu gosto dessa relação mãe-filho... Não sei se é porque eu fui muito maltratada, não fui amada o suficiente quando era criança, eu tenho um amor bem diferente pelos meus filhos... Eu não dei pro primeiro, talvez porque nós fomos separados, mas pros outros dois eu tenho uma relação bem boa de mãe e filho, uma relação de amor, de diálogo... Daí eu engravidei, ele não queria que eu tivesse esse filho, acho que porque eu tinha quase morrido na gravidez anterior, mas eu quis ter e tirei enfim o meu terceiro filho... Isso aconteceu no quarto ano em que eu estava em São Paulo, essa foi a minha quinta gravidez e aí eu tinha vinte e nove anos... Durante essa gravidez aconteceu um episódio bem ruim, eu tava grávida de três meses e nas férias nós resolvemos ir para Salvador visitar a família dele... Chegando lá fomos a festa de "largo", que é uma festa típica que acontece em Salvador... eu fui na verdade na lavagem do Bonfim no começo de janeiro, essa é uma festa muito tradicional, nessa época ele bebia muito ainda, depois de percorrer a trajetória da festa que vai da Conceição até o Bonfim, fomos pra casa da irmã dele que mora no Bonfim... Ele me deixou lá e resolveu sair sozinho, aí ele já tava bebendo e ele era assim quando saía, sumia dois, três dias e gastava o dinheiro todo... Dessa vez eu peguei o dinheiro que era do meu salário e guardei sem ele saber, depois de beber todas, ele foi pagar a conta pensando que tava com o dinheiro e quando viu tava sem nada... Ele voltou pra casa da irmã muito

bravo...e quando chegou mesmo eu estando grávida, ele não pensou duas vezes e me bateu muito e aí eu não pude reagir por causa do meu estado...Me bateu na frente de todo mundo e ninguém fez nada, eu fiquei com muita chateada naquele dia, muita raiva...porque nessas brigas geralmente eu apanhava, mas ele apanhava também, eu revidava...mas por causa da família e da gravidez eu fiquei quieta...daí eu consegui fugir, peguei uma carona com uma Kombi e fui pra casa da minha sogra, cheguei lá toda machucada e ela não deixou ele entrar.. Foi muito difícil...então naquela noite eu dormi no apartamento da vizinha da minha sogra para que as coisas se acalmassem...No outro dia compramos as passagens de avião e retornamos para São Paulo...Nessa trajetória toda de violência eu tentei muitas vezes me separar, mas não conseguia, não tinha forças pra isso, ele pedia perdão, ele dizia que me amava, dizia que não ia fazer mais, mudava, ficava bom...dali um tempo começava tudo de novo... Durante essa nossa viagem pra Salvador aconteceu algo muito triste e estranho em São Paulo, o chefe dele que era uma pessoa que ele amava bastante que viajara junto com ele pra vender seguros, foi levar a mãe numa viagem e enfiou o carro em baixo de uma carreta e morreu, logo em seguida, quando retornamos pra São Paulo, o outro colega dele que viajara também junto com ele, numa viagem de treinamento com um novo funcionário que ia tomar o lugar do chefe também sofreu um acidente de carro e morreu...Ele ficou muito mal, perdeu os dois companheiros de viagem praticamente juntos, ele ficou com medo de viajar, ficou assustado, ficou totalmente desequilibrado e resolveu pedir demissão...E ele era assim, quando ele ficava desempregado, dava uma coisa nele, que ele ficava um mês, dois meses só deitado...Hoje eu entendo, acho que devia ser uma depressão, alguma coisa assim...Na época eu dizia pra ele, vamos no médico, vamos no psicólogo, mas ele nunca quis ir...Na raiva eu dizia pra ele que ele era maluco...ele ficava muito enfiado quando eu dizia isso...Nessa época quando ele ficou desempregado, ele ficou numa loucura tão grande que ele me deixava trancada dentro de casa que eu não conseguia nem sair pra trabalhar às vezes...E as crianças ficavam participando dessa loucura toda, e eu ficava sustentando a casa, porque quando ele ficava desempregado eu é que tinha que sustentar a casa sozinha...sempre eu, porque também muitas vezes quando ele tinha dinheiro ele bebia quase o dinheiro todo...Daí numa dessas loucuras que ele tava desempregado nós fomos assaltados...Entrou cinco homens dentro da nossa casa em Osasco e levou tudo que a gente tinha...Era noite eu tava na cama dormindo, ele tava na sala assistindo televisão, bateram na porta e ele abriu e eles entraram todos armados...Nessa época o mais novo tinha um ano, um deles ficou o tempo todo com uma arma apontada pra cabeça da criança, ameaçando, se a gente fizesse barulho eles atirariam na criança...Eles ficaram da uma hora da manhã até umas três e meia...Levaram tudo, tudo que agente tinha...dinheiro, roupa, comida, eletrodoméstico, eletrônicos...levaram tudo...Aí eu fiquei muito desesperada, muito apavorada, muito angustiada...Fiquei meses ouvindo a voz daqueles homens na minha cabeça...Foi desesperador...E o medo nessa época em São Paulo é que eles entraram nas casas estupravam as mulheres na frente dos maridos...eu fiquei com medo que fizessem isso comigo, mas não fizeram...Eram pessoas bem arrumadas, alinhadas, não tinham características de bandidos comuns...Aí eu fiquei muito desanimada de morar em São Paulo...Eu já sofria com marido, já era violentada quase que diariamente (quando ele bebia eu não queria ter relação e ele obrigava a ter isso é uma violência...pior que essa violência pra mim não tem...e é do tipo do homem que se a mulher é casada não pode negar nada, tem que aceitar tudo...) e ainda aconteceu isso tudo...Eu tentei muitas vezes me separar, muitas vezes eu chegava a fugir, ele me achava, me trazia pra dentro, fazia algumas chantagens emocionais, porque tinham as crianças...Depois do roubo não consegui mais pagar meu financiamento, não tinha mais estrutura emocional e fui mandada embora do banco, além da questão financeira que ficou péssima, eu e meu marido desempregados e sem nada, eu fiquei com muito medo de continuar morando em São Paulo, não queria mais criar meus filhos lá, então depois de sete anos morando lá fomos embora pra Santa Catarina, lá estava de volta em Itajaí, minha cidade natal...A minha mãe continuou não me aceitando...Do meu marido e filhos ela também não gostava, como ela é uma pessoa extremamente preconceituosa, não aceitava que os meus filhos e marido fossem descendentes de negros...Se ela não gostava de mim antes de eu ir embora, quando retornei casada e com filhos negros ela passou a não gostar mais ainda...E pior ainda, eu retornei doze anos depois desempregada, pobre, começando tudo de novo...Chegando aqui, já que ao longo da vida tinha feito alguns cursos, comecei a fazer artesanato para sobreviver e também comecei a trabalhar na prefeitura como professora do primário, também arrumei emprego para ele na prefeitura,

ele foi ser professor de matemática, depois ele passou pra dentro da prefeitura...mas por irresponsabilidade dele perdeu também esses empregos...Ele não parava em lugar nenhum...As bebidas, violências, brigas em Stajai foram muito fortes, fortes, fortes...Foi difícil...E eu trabalhando na prefeitura eu fui crescendo, fui primeiro professora vinte horas, depois quarenta horas, depois me chamaram para ser coordenadora...Eu sempre fui uma pessoa muito esforçada...Quando eu trabalhava no desenvolvimento social, e a gente era responsável pelo carnaval, pelas festas todas em Stajai...ele saiu pela manhã pra ir buscar nossas camisetas de trabalho na prefeitura para a gente ajudar no desfile ele voltou pra casa seis horas da noite completamente embriagado...Daí eu resolvi que eu não ir...Esse dia foi horrível...Mas antes disso nós tivemos muitas brigas feias...muita bebida... Tere uma ocasião ele sumiu três dias, eu fui até a polícia, falei que ele tinha sumido...E ele trabalhava na prefeitura junto, e ele não aparecia e as pessoas cobravam... Depois o delegado o encontrou... Ele tava pelas ruas, bebendo em boates, botecos... Ele era assim, sumia de repente, dessa vez ele estava trazendo as crianças da escola para casa e no caminho disse pra elas que era pra elas irem pra casa que ele tinha que comprar carne e voltou só depois de três dias...dali ele ia pro bar, bebia todo dinheiro que tinha...penhorava tudo e às vezes voltava só de cueca pra casa... Vendia roupa, vendia sapato, vendia relógio... Ele era assim... Ele tinha muito ciúmes de mim, ciúmes dos filhos, ciúmes da família... Era um homem extremamente ciumento... Eu nunca vi ele andar com outra mulher, nunca soube... Mesmo depois que a gente tinha carro, tinha comércio, ele não dava carona pras mulheres da rua, da redondeza... E eu tentava me separar e nada...e brigas horrorosas... Voltando a história do carnaval, ele chegou completamente bêbado... Quando ele chegou completamente embriagado, nós brigamos, ele me agrediu uma agressão física gigante, nós fomos até pra rua brigar...a dona da casa que nós alugávamos morava perto, veio no meu socorro, bateu nele, ele pegou nosso filho mais novo e sumiu com ele...depois fiquei sabendo que ele tava com a criança na pracinha... Nisso fui até a casa de uma amiga minha e ela conseguiu pegar o meu filho dele... Desse dia em diante eu não quis mais ele... Ai eu decidir me separar dele completamente... Ele foi me procurar na casa da minha amiga eu não deixei ele entrar, eu não quero, eu não quero ir pra casa eu dizia...eu não volto nunca mais...não quero...daí ele disse pra mim voltar pra casa que ele saía... Eu disse não quero, vou tomar outro rumo na minha vida...não quero... Tinha um secretário do desenvolvimento social que era ex padre da igreja católica e era casado e padre da igreja ortodoxa que era amigo dele, ele foi pegou as roupas dele e foi até a casa desse amigo contar o que estava acontecendo, que agente tava se separando, que eu não queria mais ele, tal e tal... Daí esse padre veio conversar comigo e me convenceu a voltar, mas eu não queria voltar... Além de padre da ortodoxa ele era espírita cardecista... (Eu sou espírita, mas acredito que a gente tem um leque bem grande para mudar a vida da gente... Eu acho que eu não mudei a minha vida porque eu não quis... Depois que eu tirei a venda dos e percebi que as pessoas fazem com a gente aquilo que a gente permite, as coisas boas e as coisas ruins a minha vida começou a mudar muito... Ai ele se propôs a levar o fulano pra doutrina espírita pra assistir palestra para ele parar de beber... E ele disse que desse dia em diante ele não ia beber mais, e realmente daquele dia em diante ele nunca mais bebeu bebida alcoólica... Eu achava que o grande problema dele era bebida...doce ilusão... Depois disso ele ficou bom durante um ano mais ou menos... Nessa época a gente tinha até medo de sair pra alguma festa porque tinha medo que ele bebesse... Depois de um ano, ele sempre encontrava alguma coisa pra incomodar...a máscara social um dia cai...não aguenta pra sempre... Não é que eu queira justificar a minha vivência com uma pessoa difícil por esses anos todos, mas hoje eu acredito que ele tinha alguns distúrbios...pela própria história dele...não por ter sido filho adotivo, mas porque ele foi criado muito sem amor, sem carinho... Todos os irmãos da família tem problemas, a irmã dele tem depressão profunda, hoje ela tá com 150 kilos... Mais ou menos um ano ele ficou uma pessoa boa, uma pessoa boa de lidar... Daí nesse ano eu continuei trabalhando na prefeitura, consegui um cargo melhor, ele recomeçou a trabalhar como vendedor, a gente só se via no final de semana porque ele viajara para vender, adquirimos algumas coisas... Nessa época tava tudo bom, foi um ano, um ano e meio mais ou menos de bastante tranquilidade... Mudou o prefeito eu fui promovida, a nova secretária era minha amiga e me chamou pra trabalhar com ela... Um vereador que assumiu um cargo em outro bairro pediu pro prefeito para que eu fosse trabalhar com ele...mas eu não gostava muito da postura dessa pessoa que eu trabalhava junto com o prefeito, eu ficava bem incomodada com o que eles faziam... Ainda disse pra eles se não fosse o meu salário eu ia pedir exoneração do meu cargo, porque isso tá me incomodando... Depois disso não agüentei mais muito tempo e saí da prefeitura... Nisso eu e

o meu marido começamos a trabalhar juntos, ele saiu da empresa que ele tava trabalhando também... No começo não deu muito certo o que tentamos fazer com o dinheiro da nossa exoneração, encontramos uma pessoa que trabalhava com artefato de madeira, logo no segundo mês o sujeito nos deu um golpe e tivemos que partir do zero mais uma vez... Daí começamos a pensar o que a gente ia fazer, os dois desempregados... Daí comprei uma revista "pequenas empresas, grandes negócios" e achamos ali a idéia de vender batatas fritas e começamos a fritar e a vender batatas... Na primeira semana eu fritei no fogão normal, eu levei três dias pra fitar um saco de batatas e ele vendeu numa hora tudo... Daí partimos pra uma fritadeira, depois duas... Era um trabalho exaustivo, cansativo... chegou uma época em que eu fritava dois sacos de batatas de 50 quilos por dia... Eu fritei batatas durante dois anos, tive essa pequena empresa por dois anos... Naquele período aquelas brigas homéricas não aconteciam, a gente só se desentendia por causa de negócios... Nessa época a gente só tinha briguinhas normais, não era aquela coisa toda... Foi um tempo legal... A pequena empresa foi crescendo e nós aplicamos o capital de giro na compra de um carro pra um parente nosso sair pela cidade vendendo batata, quando vimos gastamos todo o dinheiro do capital essa pessoa não trabalhou legal, fomos enganados mais uma vez, daí cansamos e paramos de vender batatas, lá estávamos nós mais uma vez tendo que recomeçar do zero... Nesse meio tempo eu havia ganhado da prefeitura um terreno no bairro Tró-Morar, fomos até e começamos a pensar o que a gente podia fazer naquele terreno sem ter dinheiro, e então tivemos a idéia de montar um "sacolão"²... Como não tínhamos recurso ficamos dois dias no mato numa área que tinha bambu, cortamos bambu, cerramos... Consegui um caminhão da prefeitura pra ir buscar o bambu pra mim e eu e outro senhor que trabalhava na prefeitura e eu e ele montamos com os bambus a estrutura para o "sacolão" e inauguramos ele na véspera de natal... Compramos um caminhão de mercadoria fiado, isso era década de 1990... E aí eu comprei demais e sobrou muita coisa... Aí eu ainda aproveitei muita coisa pra vender no ano novo... E fui comprando mercadoria e fui pagando o que eu devia. Nessa época o meu marido começou a ter novas crises... começamos um novo período de vida infernal... Era muito trabalho, no início cobrimos a estrutura de bambu com uma lona preta abríamos o sacolão só nos finais de semana, depois eu consegui vender uma máquina grande de fritar batatas e consegui fazer a cobertura, então começamos a trabalhar todos os dias, a vender além de frutas e verduras alguns produtos de primeira necessidade... Era muito cansativo, e a única coisa que meu marido nesses períodos de desânimo dele fazia era ir uma vez por semana com um caminhão alugado buscar mercadoria no FLAÇA em Florianópolis descarregava quando chegava e eu fazia o resto tudo sozinha, era muito cansativo, pois tinha que acordar muito cedo todos os dias, morava longe do sacolão... Nessa época as grandes brigas recomeçaram... Eu muito cansada, não tinha mais ânimo pra fazer as coisas em casa, não tinha ânimo pra nossas relações íntimas de homem e mulher... muito cansativo... A gente só brigava, mas até aí não tinha mais aquela violência física, era nas palavras, violência psicológica... Mas fomos tocando... compramos um carrinho velho, um fiat para irmos durante a semana buscar mercadoria nas redondezas, tempero verde, alface, etc... Aí no início do segundo ano do "sacolão" uma senhora ofereceu uma casa de madeira pra gente comprar pra botar no lado do sacolão nosso terreno, daí a gente não ia mais precisar pagar aluguel e ia morar no lugar do negócio... Daí no final do ano juntamos um dinheirinho compramos a casa de madeira, contratei uma empresa que carrega a casa de madeira inteira de um lugar pra outro, botaram no lugar, construímos o banheiro e ficamos morando ali... Daí já era melhor, já estávamos morando ao lado... Daí fomos, trabalhando, fomos brigando, fomos nos estressando, tudo com muita dificuldade... Ele me exigia muito e não fazia nada... Ele dormia muito e ele não fazia nada... Eu trabalhava de segunda-feira a domingo ao meio dia, depois eu comprei duas assadeiras e comecei a vender frango aos domingos no sacolão... Daí no domingo eu ficava até nove, dez da noite temperando e recheando em torno de quarenta frangos pra assar no domingo... depois trocamos de carro, e eu é que fazia tudo, eu é que trocava de carro... eu fazia tudo... Compramos uma "Topic", chegamos a viajar com ela umas duas vezes até Salvador... Depois de uns três anos de sacolão eu passei em janeiro a tirar uns dias de férias pra descansar um pouco, senão não tinha estrutura pra agüentar... E ele ficava sempre muito doente, ou era doente físico, ou psicológico, se fechava, dormia muito, ele tinha problema de rins, era problema de estômago, era dor de cabeça, era

² Sacolão é o nome dado na região para uma espécie de feira permanente de frutas e verduras vendidos na sua maioria por um preço popular único. Esse nome faz referência ao uso de uma única sacola grande onde os compradores alojam suas frutas e verduras e ao final da compra pesam tudo numa única vez já que o preço do quilo dos alimentos é o mesmo, raras exceções.

gripe... E sempre uma pessoa muito amarga... Minha família não se dava com ele, quase ninguém gostava dele... Por toda nossa história, porque eles sabiam que ele me maltratava... Passou-se uns seis anos e chegou um dia que eu não suportei mais... trabalhamos nas eleições perdemos... Daí fechamos o sacolão... De novo estávamos a zero... Ai eu não tinha mais estrutura para ficar em Itajaí, eu não tinha mais estrutura para procurar um emprego... Quem trabalha por conta própria fica fora do mercado de trabalho, fica sem estudar, fica desatualizado, fica mais difícil arrumar emprego, ainda mais quando já passou dos trinta anos... Fica muito mais difícil... Daí o que que eu fiz, resolvi voltar pra Salvador... Porque na verdade eu tava como querendo fugir, mas na verdade minha intenção era me separar porque nós brigávamos muito... Ele era muito ciumento, tinha ciúme de todo mundo, dos meus filhos que já estavam grandes, da minha família, de amigos, eu não podia sair num domingo a tarde pra ir na casa de um parente, quando eu voltava ele tava de cara amarrada... já era briga pra semana inteira... E além do mais nossa vida era cheia de altos e baixos, era muito altos e baixos... era muito difícil... Tinha tentado me separar também nessa época do sacolão e não tinha conseguido... Daí eu resolvi voltar pra Salvador... Nesse meio tempo enquanto nós não conseguíamos vender o terreno onde morávamos em Itajaí meu filho do meio voltou para Salvador antes da gente e arrumou um emprego lá, alugou uma casa e enviava algum dinheiro pra gente ir sobrevivendo ainda em Itajaí e eu fui ajudar minha prima a fazer salgadinhos e congelados pra fora, isso durou alguns meses até que vendemos o terreno por um preço baixo e voltamos todos pra Salvador... Chegando lá fomos morar junto na casa que meu filho tinha alugado e montamos um bar, isso era final de 1997... de noite funcionava como bar e durante o dia funcionava como restaurante-bar... Eu fazia almoço... Eu trabalhava das nove da manhã as três da madrugada, eu e ele de novo, ele não bebia, mas as brigas homéricas continuavam... E eu trabalhando... E eu cozinhando... E eu limpando... E aí logo quando nós abrimos o bar ele ficou muito doente, ele ficou gravemente doente... Primeiro ele teve um mal estar muito grande, depois ele teve herpes e depois ele não conseguiu mais se recuperar... Daí uma doença em cima da outra... Ainda quando nós tínhamos o sacolão ele um dia teve um problema muito grave no estômago... e o médico começou a examinar e aquilo que ele tinha era aquilo que se chamava "sapinho", e aquilo era característico de quem tinha HIV... Mas não dava pra acreditar, o medico suspeitava disso mas no início ele não teve coragem de fazer o exame... Mas aquilo ficava martelando na minha cabeça... Daí fizemos o exame os dois e deu positivo pros dois... não contamos pra ninguém, ficou só entre nós e os meninos, ficamos sabendo em 1995... Foi assim: o médico conversou com ele perguntou se ele era usuário de droga injetável e coisa e tal e ele disse que não, que nunca tinha usado droga, e então o médico disse pra ele que pelo quadro dele ele poderia estar com HIV e que ele deveria fazer o exame... Quando ele chegou em casa e me disse isso, eu falei não né... tudo que já me aconteceu isso não né... isso não... Ai ele fez o exame, telefonaram pra mim pedindo pra ele repetir porque tinha dado positivo... Ai eu fui fiz o exame e deu que eu tinha também... Mas é difícil a gente acreditar... Eu tinha tido outros homens, mas eu tava vinte e poucos anos casada com o mesmo marido... nunca trai ele... e tenho certeza que ele teve essa doença depois que agente tava junto, depois que o meu filho mais novo nasceu, quando tivemos o diagnóstico o meu filho mais novo já tinha catorze anos... Os meninos não tem eles são doadores de sangue... Nós falamos pros meninos o que estava acontecendo... Até quem me levou pra fazer o exame foi meu filho... Mas como eu tava bem de saúde, tu não acaba acreditando... é uma coisa assim... por tudo que eu tinha passado e ainda passar por isso... Eu não acreditava naquilo... E fomos embora para Salvador... Ai quando nós chegamos lá, eu sempre falava pra ele, vamos começar a fazer o tratamento... Vamos pro médico, vamos tomar o coquetel... Ele não aceitava... No dia em que recebemos a notícia de positivo ainda em Itajaí eu tava limpando o sacolão, quando ele chegou a gente pegou o carro e saiu, fomos lá para beira-Rio, quando chegamos lá eu chorei muito... Falei: Fulano porque tu fizesse isso comigo, porque tu andasse com outras pessoas... Ele falou que não transou com outras... Ai eu falei pra ele: Pelo amor de Deus... Eu chorei, chorei, chorei... Ai ele falou que os exames estavam errados... Ai eu disse pra ele que estavam certos porque a gente tinha feito duas vezes... E ele não aceitava, não aceitava... Eu fui embora realmente foi para ver se lá numa outra cidade que ninguém conhecesse a gente, ele teria coragem de ir pro médico e fazer o tratamento... isso seria o certo... Já que não tinha se manifestado nenhuma doença em mim, e ele tinha tido algumas pequenas doenças em consequência disso, se nós tivéssemos feito o tratamento nós teríamos evitado muita coisa... daí como ele se negou a fazer o tratamento eu telefonei pro irmão dele e contei pro irmão... mas não adiantou... E quando

nós fomos trabalhar no bar ele ficou muito doente, muito doente mesmo... E ele foi ficando doente, doente, doente... Fui ficando no bar sozinha... Não deu mais pra tocar o bar... Daí eu fechei o bar, daí ficou eu e ele desempregado... A gente sobreviveu nessa época com a ajuda do irmão dele, o meu filho do meio trabalhava e ajudava e eu fui fazer faxina em Salvador... Trabalhava num restaurante final de semana como ajudante de cozinha, lavava prato, descascava batata, eles não sabiam das minhas habilidades culinárias, eles já tinham cozinheiro... E depois eu sou branca, do sul, e o dono do restaurante teve até medo de me empregar, pois achou que eu era uma espia para montar outro restaurante... porque o restaurante dele era típico gaúcho e ele tinha medo de mim, me tratava mal, me tratava mal mesmo por isso... Eu me submetia a aquilo tudo, bem humilde, não dizia que eu sabia cozinhar, não dizia nada, porque lá no restaurante eu comia bem, tomava café da manhã, almoçava e saía praticamente jantada e trazia o dinheiro pra casa... Quando tinha feriado, algum evento eles me chamavam, eu ia todos os domingos... E o meu marido foi piorando, foi ficando cada vez mais doente, foi ficando muito ruim, muito violento... Muito difícil, de agredir a gente, de agredir o meu filho mais novo (Quando ele me agredia eu batia em cima, eu sempre tinha um pau esondido em qualquer canto da minha casa, quando ele vinha bater em mim eu dava pau nele... Às vezes as pessoas viam que ele batia em mim, de manhã eu saía bela e formosa pra trabalhar e ele tava todo quebrado em casa, eu me defendia muito... teve um episódio lá em Navegantes, que perto do natal eu brigou comigo que eu fugi e fui na delegacia ele foi preso eu fugi passei uns dias em Blumenau, depois eu voltei pra acabar tudo e ele pediu até ajuda pro delegado pra falar comigo pra gente voltar... era assim uma coisa bem louca... Eu sempre me defendia... quando ele vinha pra cima de mim eu empurrava ele, ihhhhhhhhh...)... E ele foi piorando... Eu pensei que ele ia morrer, daí eu chamei o irmão dele, internamos ele e aí ele já tava com tuberculose, aí a doença se manifestou bastante... Aí se ele era ruim, com isso ele ficou mais ruim ainda... ficou insuportável a sobrevivência ao lado dele... Aí eu não fiquei doente, fui trabalhando, trabalhando... Era pra ele ficar meses internado, ele ficou dez dias e o hospital dispensou de tanto que ele incomodou no hospital e aí voltou pra casa... daí ele tava com tuberculose, tomando remédio... Quando ele ficou internado eu fui até o hospital, como eu não tinha o exame que eu tinha feito lá em Itajaí, fiz exame de HCT novamente, pra eu já começar a tomar o remédio antes de qualquer coisa... mas tava um problema de greve na área da saúde lá em Salvador e eles demoraram muito pra dar o resultado... Foi ficando perto do natal, aí eu já tava há um ano em Salvador, e eu tinha muita faxina pra fazer... Aí uma senhora me chamou pra fazer uma faxina e aí ela deu um produto químico pra eu usar e quando eu usei pra limpar a escada, era veneno pra cupim, e era uma quantidade muito grande, quando eu aspirei aquilo queimou o meu pulmão esquerdo... Aí provavelmente o meu sistema imunológico tava baixo e aí eu comecei a ficar doente... com febre... com isso, com aquilo, daí eu fui no médico, tomei remédios... fui melhorando... E ele agressivo, ele infernal dentro de casa... desde que eu cheguei em Salvador eu frequentava dois centros espíritas, eles ajudavam muito a gente também... Aí não pude mais trabalhar, fui ficando doente, ficando doente... Eu não me levantava da cama... Daí chegou um dia que eu falei pro meu filho mais novo pedir pro tio da namoradinha dele me levar pro hospital senão eu ia acabar morrendo naquela cama... Foi bem na hora certa, porque quando eu cheguei no hospital, no outro dia eu fui pra UTI... Aí eu fiquei mal, tire parada respiratória na dia que eu cheguei já... Isso foi bem no começo de janeiro de 1999... Fiquei em coma três dias... fiquei dezoito dias na UTI... Fiquei três meses e dois dias internada... Foi quando o meu filho ligou pra minha família em Santa Catarina e falou pra eles que eu tava com... Deu o meu diagnóstico... Daí todo mundo falou... todo mundo ficou sabendo... Quando eu fiquei na UTI, os médicos disseram pros meus filhos que eu não sobreviveria... que eu não tinha tinha uma chance de sobreviver... Fiquei mal, tudo aconteceu... Eu tire problema de respiração, a minha boca ficou toda em ferida... Tudo, tudo, tudo... Eu entrei em coma num dia, acordei depois de quatro dias eu tinha emagrecido vinte quilos... Eu fiquei com cinquenta quilos... Eu não falava... Eu comia praticamente igual a um bicho... tudo que eu comia era pastoso por causa das feridas na boca... Eu babava igual a um animal, que nem a saliva eu conseguia engolir... E os médicos diziam que eu não me salvaria... diziam pros meus filhos que ia morrer, davam liberdade pros meus filhos entrarem na UTI pra me ver, porque eu não tinha nenhuma chance de sobreviver, nenhuma... E eu fui, fui me recuperando... Assim, quando eu saí do coma que eu tinha a chance de pensar, porque quando tu tá em coma tu não pensa... Quando eu acordei do coma eu não lembrei de absolutamente nada do que tinha acontecido durante aqueles dias... Até quando eu acordei do coma, como eu sou espírita, eu pensei

que tivesse morrido e tivesse desencarnado e tivesse em outro patamar... Porque eu tava num lugar, quando eu acordei estava num lugar completamente diferente, a primeira reação que eu tive é que tivesse morta... Daí me mexi, eu tava cheia de aparelhos, daí apitou lá, daí veio uma enfermeira e me disse: Não morresse ainda não!... Daí eu senti que tava mal... Nesse período fui transferida de UCTI, fui pra uma UCTI especializada em pulmão, eu não tive tuberculose porque tomei remédio pra não ter...pra me prevenir, porque o meu pulmão ficou muito sensível... Eu passei por vários processos...primeiro eu não tava num hospital especializado em HIV, eu tava num hospital onde todos cuidavam dos pulmões...Ali eu sofri preconceito não por parte das pessoas internadas, mas dos próprios médicos e enfermeiros...Na UCTI eu tossia muito, daí eu escutei a enfermeira chefe dizer pro médico : "Tira essa aidética daqui que ela tá contaminando a minha UCTI". Ai eles me retiraram...Mas durante essa retirada minha eu quase ia morrendo...Nisso o diretor do hospital veio me socorrer...Isso numa cidade grande, sozinha, sem ninguém...O meu filho mais velho trabalhava, o meu filho mais novo tinha menos de dezoito anos e não podia me acompanhar...E o meu marido tava em casa doente, mal...Depois, logo em seguida ele foi internado também, ele ficou no segundo andar e eu fiquei no quinto...Eu sobrevivi, ele morreu...Foi horrível, mas eu sobrevivi.. Uma coisa boa que eu tenho, é que eu sempre acho soluções pras coisas difíceis que eu passo...Eu sempre consigo sair da lama...Eu sempre acho uma saída...ou trabalhando de doméstica, ou varrendo as coisas, ou fazendo artesanato, ou limpando o quintal dos outros, ou trabalhando por conta, ou fazendo concurso, estudando, eu sempre consigo sair da situação difícil com o trabalho. Eu tive vários homens na minha vida, mas nunca me prostituí, não precisei usar desse artifício pra sobreviver...eu sempre sobrevivi do meu trabalho...mesmo sendo casada eu sempre comi o que eu trabalhei, sempre trabalhei e gosto de trabalhar...Acho que uma das coisas que engrandece a gente, faz bem pra gente é trabalhar...Comecei tudo novamente. Espero que eu não tenha que começar do zero novamente, mas se tiver vai ser com o trabalho...Já trabalhei de doméstica e já fui praticamente gerente de banco...não importa em que lugar eu sobrevivi,, sempre consigo ressurgir das cinzas...

* * *

Esses extensos relatos de Domitila e Fênix apresentados propositalmente em forma de narrativas quase que cronológicas de suas trajetórias expõem cada um a sua maneira vivências urbanas, cujos itinerários nos remetem a pensar **primeiro a “memória da cotidianidade”**, aqui, - seja na ida de Fênix para Salvador na busca de emprego, ou na sua promoção de trabalho para São Paulo como uma forma de ascensão social, moral e econômica e ao mesmo tempo desilusão pela “cidade de muros”(Caldeira, 2000) por conta de um grave assalto ou, com a ida para Campo Grande por Domitila em busca de sua família, sua esperança depositada no Rio de Janeiro em busca de aventura (Simmel,1998) e ascensão, entre outros; e **segundo a “memória coletiva”** apontada por meio dos relatos das narradoras, representados aqui por uma Campo Grande com “ar” bucólico e ao mesmo tempo indecente com os menos favorecidos social e economicamente; uma Rio de Janeiro seletiva e preconceituosa etnicamente; uma São Paulo rica em oportunidades de ascensão econômica e social,

mas rigorosa e impiedosa na manutenção desses, e ainda uma São Paulo racista e insegura ou uma Salvador festiva, acolhedora e promiscuamente seletiva.

Enfim, penso que se “memória da cotidianidade e memória coletiva” são dois “eixos necessários de participação do antropólogo na formulação da ‘aura’ estética de uma cidade como fenômeno que se propaga com regularidade e uniformidade em face das rupturas vividas por seus habitantes” (Rocha & Eckert, 2000:99), as extensas, mas contundentes narrativas de Domitila e Fênix fornecem-nos elementos da “teatralidade” de suas vidas cotidianas seja na cidade de São Paulo, Salvador, Campo Grande, Rio de Janeiro, entre outras, bastante significativos para nossa “análise e interpretação do fenômeno urbano e uma das dimensões de entendimento da vida social” (Rocha & Eckert, 2000:99) dessas narradoras moradoras.

Referências:

- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BENJAMIN, W. *Illuminations*. ARENDT, H. (org.). New York: Schocken Books, 1969.
- CALDEIRA, T. *Cidade de muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: editora 34, edusp, 2000.
- CANEVACCI, M. M. *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: 1997.
- CLIFFORD, J. A *Experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*./James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- DELEUZE, G. e FELIX, Guattari. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Tradução Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. São Paulo: editora 34, 2004.
- DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração”. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 15 f. (Iluminuras; n.4).
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. “A memória como espaço fantástico”. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 16 f. (Iluminuras; n.2).
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. “remissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários urbanos e suas formas de sociabilidade”. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 20f. (Iluminuras; n.15).
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. “Jogos de Memória”. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. . (Iluminuras; n.12).
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- MORIN, E. *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre, 1999
- RICOEUR, P.A. *Memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROCHA, A.L.C. “Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. In: *Horizontes Antropológicos, Antropologia Visual*, Ano 1, vol.2.,1995.
- SIMMEL, Georg. “Estética e sociologia”. (tradução Maldonado, Simone Carneiro). *Política e Trabalho/ 14*. Set. PPGS/UFPB,1998.
- SIMMEL, Georg.. “Sobre a individualidade e as formas sociais”. 1 ed.. Quilmes. Universidad Nacional de Quilmes.,2002.
- VELHO, Gilberto & Alvito, Marcos (org.). *Cidadania e Violência*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 2000.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- WAIZBORT, Leopoldo *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: editora 34.,2000.
- ZALUAR,A.. *A máquina e a Revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZALUAR,A.. “Cidadania , Vitimização e Políticas Públicas”; Internacional Seminar “Violence, Social Control and Public Order”, Núcleo de estudos da Violência, USP, São Paulo; em *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 17, n. 1 , march, 1993
- ZALUAR,A ; ALVITO, M.*Um século de favela*. 3ª Edição, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.